

INTRODUÇÃO

O presente fascículo de *Estudos Kantianos* [EK] apresenta uma série de ensaios sobre as relações entre a obra de Kant e a História Natural. O tema é decerto amplo, uma vez que a História Natural abrange um grande conjunto de conhecimentos dos seres da natureza, reunindo os domínios teóricos de diversas disciplinas (geografia, biologia, antropologia etc.) que, posteriormente, tenderiam a uma crescente especificação. No século XVIII, a ideia de uma tal ciência está intimamente associada à figura de Buffon, cuja principal obra, a *História Natural, Geral e Particular*, consiste em um vastíssimo empreendimento enciclopédico que apresenta estudos dos mais distintos seres que compõem o universo natural - desde os minerais e vegetais até, é claro, o homem. Diferentemente da Física, que visa compreender as “leis gerais” da natureza com base em princípios matemáticos, a História Natural é essencialmente um estudo do *particular*: ela deverá partir de uma descrição exata de seus objetos para, em seguida, “combinar as observações”, “generalizar os fatos” e, desse modo, alcançar um conhecimento cada vez mais elevado da ordem natural. Ela é, por isso, como diz o próprio Buffon, a ciência da “prodigiosa multidão” de seres que a natureza é capaz de produzir, em toda variedade com que se apresentam aos olhos do investigador¹.

Kant, como se sabe, foi um dos grandes leitores de Buffon, e seu interesse pelos problemas da História Natural parece ter sido constante em sua trajetória, uma vez que aparece tanto em sua obra crítica (mais especificamente na segunda parte da *Crítica da faculdade de julgar*) quanto em diversos opúsculos por ele redigidos desde sua fase pré-crítica². Em seu famoso ensaio de 1775, *Das diferentes raças humanas*, a realização de uma História da Natureza é mencionada como um “ousado” projeto que, diferentemente da mera Descrição da Natureza, deveria considerar os objetos naturais não apenas tal como são no tempo presente, mas levando em conta as transformações que possam ter sofrido ao longo tempo, de modo a compor, a partir disso, um verdadeiro “sistema físico para o entendimento”³. Como se observa também nos textos posteriores, a preocupação central que orienta as reflexões de Kant a respeito dessa ciência consiste em saber, precisamente, *se e como* é possível a elaboração de um verdadeiro sistema da natureza, capaz de dar conta da imensa diversidade de “indivíduos” que a experiência nos apresenta. Afinal, se a tarefa do naturalista consiste em observar seus objetos sem orientar-se por qualquer “idéia de sistema” e, por assim dizer, “quase sem interesse”, de modo a

poder aos poucos desvendar a “ordem geral” da natureza⁴; a do filósofo crítico, por sua vez, será a de avaliar as condições de possibilidade dessa ciência, buscando na própria razão humana os princípios que deverão fundamentá-la.

Na terceira *Crítica*, a reflexão a respeito da possibilidade de se elaborar um sistema da natureza não segundo *leis gerais* (pois tal sistema é o da Física), mas segundo *leis particulares*, é conduzida a partir de uma extensa análise do modo como a razão é capaz de pensar os seres organizados na natureza. Aqui, Kant recupera as ideias já estabelecidas pela *Crítica da razão pura* a fim de mostrar que, dada a constituição de nosso entendimento humano, para o qual o particular é sempre contingente, não resta à razão outra alternativa senão a de recorrer ao princípio teleológico do juízo reflexionante e, a partir dele, conceber essas formas organizadas como sendo o produto de alguma *técnica*. Ao fazer um tal uso desse princípio, a razão confere um sentido para a existência do particular no interior da natureza e, desse modo, compreende aquela “prodigiosa multidão” de indivíduos não mais como um agregado, mas como um verdadeiro sistema da totalidade natural. Dentro de um tal sistema, apenas o homem poderá ser visto como *o fim último* de toda a Criação, justamente por ser ele, como nos diz Kant, “o único ser da mesma capaz de realizar, para si, um conceito de fins”⁵. É nesse momento que a história natural cede seu lugar à história da cultura, na qual o fim último da razão humana - isto é, a realização da moralidade no mundo (ou de um “reino dos fins”), tal como determina a razão prática - deverá ser buscado pelos homens a partir de suas ações.

No interior da filosofia de Kant, portanto, a História Natural pode ser vista tanto como um problema concernente à teoria do conhecimento - uma vez que recoloca as considerações do autor a respeito dos limites da ciência da natureza - quanto como uma porta de entrada para o estudo da teoria moral, na medida que sua investigação também tangencia os domínios da filosofia da história.

Os dez ensaios aqui reunidos passam por essas questões centrais a partir de perspectivas diversas, ora abordando-as de modo mais específico nas obras de Kant, ora assumindo um ponto de vista mais amplo, buscando o diálogo do filósofo com outros autores. Podemos dizer que, em seu conjunto, o presente fascículo apresenta um espectro bastante amplo e diversificado do tema do qual se propõe a tratar.

Isabel C. Fragelli (Universidade de São Paulo)
Editora convidada

NOTE / NOTES

1 Cf. BUFFON. *Histoire Naturelle*, Primeiro Discurso.

2 Entre esses últimos, os mais conhecidos são os três ensaios sobre as raças, intitulados *Das diferentes raças humanas* (1775), *Determinação do conceito de uma raça humana* (1785) e *Sobre o uso de princípios teleológicos na filosofia* (1788).

3 KANT. *Von den verschiedenen Racen der Menschen*. [AA II, 434].

4 Cf. BUFFON. *Histoire Naturelle*, Primeiro Discurso.

5 KANT. *Kritik der Urteilskraft*. [AA V, 426].

INTRODUCTION

The present issue of the journal *Kant Studies* presents a series of essays on the relations between Kant's work and Natural History. The subject is certainly broad, since Natural History encompasses a large group of theoretical domains of the science of nature, bringing together various disciplines (such as geography, biology, anthropology etc.) that would later tend to a growing specification. In the Eighteenth century, the idea of such a science is intimately associated with the figure of the French naturalist Buffon, whose main work, *Natural History, General and Particular*, consist of a vast encyclopedic enterprise that presents studies of the most distinct natural beings existing on the earth - from minerals and plants up to man. Unlike Physics, a science that aims to comprehend nature's "general laws" through mathematical principles, Natural History is essentially a science of the *particular*: it should begin with an exact description of its objects to then, by "combining the observations" and "generalizing the facts", reach an ever higher knowledge of the natural order. It is, therefore, as Buffon himself says, the science of the "prodigious multitude" of beings that nature is capable of producing, in all the great variety in which they appear to the eyes of the investigator¹.

Kant, as we know, was one of Buffon's great readers, and his interest in the problems of Natural History seems to be constant in his trajectory, since it appears not only in his critical work (more specifically in the second part of the *Critic of the Power of Judgment*), but also in several of his essays written since his pre-critical period². In his famous 1775 essay, *On the different human races*, the realization of a History of Nature is mentioned as a "daring" project which, unlike the mere Description of Nature, should consider natural objects not only as they are in the present, but also taking into account the changes they may have undergone over time, so as to compose from it a true "physical system for the understanding"³. As it is also observed in his later texts, the central concern that guides Kant's reflections on this science consists in knowing *if and how it is possible to elaborate a true system of nature*, a one that would account for the immense diversity of "individuals" that experience presents to us. After all, if the task of the naturalist is to observe his objects without being guided by any "idea of a system" and, in some way, "almost uninterested", so that he can gradually reveal nature's "general order"⁴; the one of the critical philosopher, in turn, is to examine the conditions of possibility of this science, seeking in human reason the principles that must ground it.

In the third *Critique*, his thoughts on the possibility of a system of nature based not in *general laws* (such a system is the one of Physics), but in *particular laws*, succeeds an extensive analysis of reason's way of conceiving organized beings in nature. Here, Kant refers to some of his conclusions in the *Critique of pure reason* intending to show that, given the specific constitution of human understanding, to which the particular is always contingent, reason has no other alternative than to appeal to the teleological principle of reflective judgment in order to think of organized forms as the product of some *technique*. By making such a use of this principle, reason confers a meaning for the existence of the particular in nature, being now able to envisage that "prodigious multitude" of individuals no longer as an aggregate, but as a true system of natural totality. Within such a system, only man can be seen as Creation's final end, for he is, as Kant tells us, "the only being capable of realizing for himself a concept of ends"⁵. At this point, natural history gives way to the history of culture, in which the final end of human reason - that is, the realization of morality in the world, as determined by practical reason - should be sought by men through their actions.

In conclusion, Natural History can be considered in Kant's philosophy both as a problem related to the theory of knowledge, since it reinstates the author's ideas of the limits of the science of nature; and as a gateway, so to speak, to the study of his moral theory, as its investigation also touches the domains of the philosophy of history. The ten papers here gathered deal with these central questions from different perspectives, sometimes approaching them in a more specific way in the author's works, sometimes proposing a dialog with other philosophers. We can say that, as a whole, the present issue of Kant Studies presents a very broad and diversified spectrum of its subject.

Isabel C. Fragelli (University of São Paulo, Brazil)
"Kant's work and Natural History" Guest Editor

NOTE / NOTES

1 BUFFON. *Natural History*, First Discourse.

2 Among which the most famous are *On the different human races* (1775), *Determination of the concept of a human race* (1785) e *On the use of teleological principles in philosophy* (1788).

3 KANT. *Von den verschiedenen Racen der Menschen*. [AA II, 434].

4 BUFFON. *Natural History*, First Discourse.

5 KANT. *Kritik der Urteilskraft*. [AA V, 426].